



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ESTÉTICA BAKHTINIANA E SUA POTENCIALIDADE PARA PENSAR PRÁTICAS ALFABETIZADORAS COMO ATOS RESPONSÁVEIS/RESPONSIVOS

Adenaide Amorim Lima; Denise Aparecida Brito Barreto; Nilma Margarida de Castro Crusóe

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mails: adenaideamorim@gmail.com; desineabrito@gmail.com; nilcrusoe@uol.com.br

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar o conceito de estética bakhtiniana e sua potencialidade para pensar a prática alfabetizadora como ato responsável/responsivo. Entende-se que uma experiência intermediada pela relação entre alfabetizador e alfabetizando, no caso a prática alfabetizadora, pode vir a tornar-se um acontecimento estético na medida em que a aprendizagem da alfabetização é uma experiência humanizadora em que humanos aprendem com humanos.

Para Bakhtin, um “acontecimento estético pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem” (2011, p. 20). Nesse sentido, a experiência estética é um acontecimento semiologicamente intermediado dentro de um processo denominado por Bakhtin de exotopia, conceito este que desenvolveremos ao longo do texto.

Enquanto ato responsável/responsivo, não há como o professor alfabetizador fugir ou escapar da sua prática, pois a luz de Bakhtin, o ser humano ao mergulhar na vida e ter consciência desta vida, ele está sempre respondendo responsabilmente/responsivamente a ela. Logo, o professor não pode escapar da relação pedagógica que é um ato responsável/responsivo em que ele socialmente, historicamente e culturalmente está investido num processo em que na interação com o outro, o vir a ser se manifesta. Dessa forma, o humano se constrói permanentemente por intermédio da alfabetização, daí a singularidade do ato alfabetizador. a seguir, definiremos a prática alfabetizadora como ato responsivo e no seu interior a potencialidade da estética bakhtiniana.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Prática alfabetizadora como ato responsável/responsivo

Para Mikhail Bakhtin, cada um de nós é um Ser singular e inconcluso que está sempre se constituindo na relação com os “outros na sociedade e na história” (SOBRAL, 2013, p. 110) ocupando um lugar único na arquitetônica do mundo. A vida de cada um é “formada de uma sucessão de atos concretos; trata-se de atos que são singulares, irrepitíveis [...] mas que têm elementos comuns com outros atos e por isso fazem parte do *ato* como categoria englobante” (*Idem*, 2008, p. 225, grifo do autor). Logo, não existe alibi para a nossa existência, “cada sujeito deve responder por seus atos, sem que haja uma justificativa *a propri*” (*Idem*, 2013, p. 104, grifos do autor). Somos responsáveis e devemos responder responsabilmente e responsivamente, a partir deste nosso lugar, como um dever para com o outro por meio dos nossos atos.

Mesmo em campos de atividades sociais como a escola, por exemplo, que englobam esferas com atividades relativamente estáveis como a alfabetização, onde os atos/atividades das professoras alfabetizadoras tendem a compartilhar um maior contingente de elementos comuns, possuindo uma função mais objetivada que é a alfabetização de crianças, ainda assim, cada prática alfabetizadora enquanto ato responsável/responsivo é única e cada professora é chamada a sua responsabilidade/responsividade, ao seu dever ético para com os seus alunos. “Cada representação [que assumo na sociedade] não suprime, mas simplesmente especializa a minha responsabilidade pessoal” (BAKHTIN, 2010, p. 112) para com o outro. Logo, existe uma distinção dos atos propostos por Bakhtin, “entre ato-tipo (ou ato-atividade) e ato-ocorrência, aquele de ordem do geral e do repetível e este da ordem do particular e irrepitível” (*Idem*, p. 104).

O ato responsável/responsivo também é constituído a partir de duas dimensões: uma abstrata e objetivada referente a um mundo conceitual e outra concreta que só acontece uma única vez, no mundo do cotidiano. Para Bakhtin (2010, p. 43) “O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir”.

Na esfera social da alfabetização, por exemplo, esta atualização ocorre a partir de um processo denominado por Bakhtin (2010) de reconhecimento. O fato de uma professora alfabetizadora ter acesso a concepções diferenciadas de alfabetização não significa que,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

automaticamente, estas concepções estarão presentes em sua prática alfabetizadora; antes, esta concepção deve fazer sentido para ela, em seu cotidiano e em suas relações dialógicas. Como esclarece Bakhtin (2010, p. 86-87) “para tornar-se realmente realizado e incorporado ao ser histórico do conhecimento real, o conteúdo válido em si de uma possível experiência vivida (de um pensamento) precisa entrar em uma ligação essencial com a valoração efetiva” do sujeito singular.

É este reconhecimento dos conceitos abstratos, por parte das professoras alfabetizadoras, que ao se efetivar em suas práticas se caracteriza como um ato responsável/responsivo, uma espécie de assinatura de quem o pratica como um dever. Somente quando uma alfabetizadora sente-se “obrigada” a partir do seu lugar único, do dever ético advindo deste lugar e levando em consideração as suas vivências e experiências anteriores é que ela pode, ou não, “encarnar” as teorias que lhes são apresentadas, seja na sua totalidade, seja parcialmente. Sua prática será sempre o resultado da dialética entre esses dois mundos: ela é uma mescla de elementos abstratos e concretos, elementos do geral e do particular, em um constante processo dinâmico e aberto.

A partir dos estudos de Mortatti (2000) é possível perceber que a prática alfabetizadora sempre foi, ao longo da história, o resultado de um “eterno diálogo” entre passado e futuro e entre o abstrato e o real. É através desse “diálogo” que essas práticas são atualizadas no presente, na perspectiva do devir futuro, através das ações/relações dialógicas entre o professor e seus *outros*. Enquanto ato responsável/responsivo, poderíamos dizer que, a prática alfabetizadora é um fenômeno particular/singular e, ao mesmo tempo, um fenômeno histórico e social que está constantemente se atualizando na dialética entre esses dois mundos.

Na arquitetura do seu pensamento, Mikhail Bakhtin além de partir do princípio da existência desses dois mundos distintos, incomunicáveis, impenetráveis e que estão sempre se confrontando, mas que se unificam no ato responsável/responsivo: o mundo conceitual e o mundo da vida, ele apresenta, ainda, um outro mundo que integra a vida e que não é menos importante do que os outros dois e que unifica, de forma fundamental, o ato responsável/responsivo, o mundo da arte, da “relação esteticamente significativa e combinação entre o mundo e a alma” (BAKHTIN, 1997, p. 147), mundo “intuitivamente perceptível” da valoração estética.

Conforme Sobral (2013, p. 105):



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O empreendimento bakhtiniano consiste em propor que há entre o particular e o geral, o prático e o teórico, a vida e a arte uma reação de interconstituição dialógica que não privilegia nenhum desses termos, mas os integra na produção de atos, de enunciados, de obras de arte etc.

É justamente sobre a importância desta terceira dimensão do ato responsável/responsivo, fundamental para uma prática alfabetizadora bem sucedida que ora propomos esta reflexão.

A concepção estética bakhtiniana parte do mundo da vida, das relações entre sujeitos sociais e históricos, cujo processo de empatia se dá por meio da interação entre eu e o outro mediado pelo ato através de um processo denominado por Bakhtin de exotopia.

O conceito de exotopia está imerso na sua concepção de tempo e espaço. Lugar único do contemplador, que se situa do lado de fora do evento [...] lhe permite o movimento de empatia estética (colocar-se no lugar do outro) e depois o movimento exotópico (voltar ao seu próprio lugar de fora do evento), que lhe permite ver e compreender pelo seu excedente de visão, o que os outros não podem ver (FREITAS, 2013, p. 103).

Conforme esclarece Sobral (2013, p. 108): “A concepção bakhtiniana do estético não se baseia no sublime de Kant, nem nas estéticas impressionistas ou expressionistas, mas resulta representar o mundo do ponto de vista da ação exotópica do [...] [sujeito] [...] nas relações sociais de que [ele] participa”.

UM EXEMPLO DA ESTÉTICA BAKHTINIANA PODE OCORRER quando uma professora, a partir de sua singularidade, a partir da sua posição única no mundo, ou seja, a partir do seu existir-evento se coloca no lugar do aluno para enxergá-lo a partir dele mesmo, de sua perspectiva e, em seguida, retorna ao seu lugar. Essa volta ao seu lugar é o momento da objetivação no qual a professora se afasta da individualidade apreendida na empatia para compreendê-la. Agora, após este retorno a si, o seu existir-evento foi acrescentado e atualizado¹ (cf. BAKHTIN, 2010). É uma experiência sensitiva que o sujeito só experimenta se estiver verdadeiramente aberto para vivenciá-la de forma profunda.

¹ Esse processo de empatia não acontece de forma fragmentada conforme apresentado, Bakhtin descreve essas etapas didaticamente somente para uma melhor compreensão de sua ideia.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É mediante esse processo que compreendemos uma prática docente, alfabetizadora, bem sucedida como um agir teórico, ético e estético, um ato responsável/responsivo em que o professor pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente.

Nesse sentido, fica evidenciado que o professor é responsável não somente pela aprendizagem do seu aluno, mas, também, pela imagem que o aluno constrói de si, através de sua relação com o professor.

Breves considerações finais

Segundo Bakhtin (2010) somente no amor, na empatia é que o ato é capaz de ser esteticamente produtivo. Por consequência, o desamor, a indiferença e o preconceito não geram forças suficientes para nos atermos demoradamente, profundamente, atentamente, sensitivamente e abertamente ao outro, conhecer suas particularidades, seus sentimentos e suas potencialidades.

A prática alfabetizadora é um encontro com o outro, e a ausência de uma relação estética nesta prática gera o empobrecimento não só dessa prática em si, mas desse encontro o que a torna pouco significativa no que diz respeito à formação humana. As diferenças podem vir a tornar-se indiferença. Não ser percebido, não ser visto e não ser ouvido dificulta ou mesmo impede que os alunos se abram para experiências de aprendizagens.

nesse sentido, enquanto professores, precisamos de uma estética que nos eduque para que sejamos capazes de praticar uma alfabetização estética em contraposição as práticas alfabetizadoras limitadas e limitadoras.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2 ed. São Carlos: Pedro e João, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 9-32.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREITAS, Maria. Teresa de Assunção. Implicações de ser no mundo e responder aos desafios que a educação nos apresenta. In: _____. (Org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**, 2013, p. 95-106.
MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**: São Paulo 1876/1994. São Paulo: UNESP; CONPED, 2000.

SOBRAL. Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 103-121.